

O crescimento do espetáculo

Por Cid Torquato

Agora em março, depois do Carnaval, finalmente vamos conseguir começar 2004! É bem verdade que este é um ano bissexto, atípico, que, de certa forma, começou mesmo já nos últimos meses de 2003, quando grandes contingentes de empresários teriam preferido contabilizar a estagnação e trocar de calendário e agenda logo, ainda que apenas em suas preces.



Foto: Eduardo de Souza

Cid Torquato é advogado e diretor-executivo da Câmara Brasileira de Comércio Eletrônico



cid.torquato@camara-e.net

Mas, ainda que apenas em março, 2004 começa nervoso, agitado e esperançoso, principalmente depois da pré-temporada, iniciada em 5 de janeiro último. O clima é de otimismo, embora pouco fundamentado. A macroeconomia não está nada saudável, o que, como regra, acaba com grandes esperanças no âmbito microeconômico. Por outro lado, há uma atenção exagerada voltada aos números e muito pouca preocupação com a produção, com o mundo dos negócios, com as empresas e com os empregos. Na verdade, o País está virtualmente parado.

Março, contudo, mudará esse quadro. Começamos, pra valer, a implementar o planejamento de 2004, a executar projetos e a descontingenciar orçamentos. Em nosso universo, o das tecnologias da informação, da sociedade do conhecimento, das telecomunicações, da internet, do comércio eletrônico e da economia digital, os prognósticos são bastante positivos. Cidadãos, empresas e organizações de todos os tipos, continuarão cada vez mais a depender das TICs para operar e transacionar seus relacionamentos e negócios.

O espetáculo do crescimento da economia digital continuará em 2004. Mas, se quisermos e soubermos fazer, poderemos maximizar esse potencial de desenvolvimento e dar saltos qualitativos. Para tanto, temos de ser inteligentes e unir a vanguarda da economia também em torno da formatação do nosso mercado e de políticas pragmáticas para o setor. Além de alguns poucos marcos regulatórios fundamentais (documento eletrônico, crimes digitais, privacidade, segurança e tributação), devemos ficar bem mais que atentos e ativos quanto à

nova política industrial, à caixa preta do FUST, à estatização da produção de soluções e-Gov e ao impacto pró-Linux em nossa indústria de software. PMEs e as cidades com menos de cem mil habitantes têm de ser fortalecidas. Outras questões, como a repressão às fraudes, ao spam e a repulsa ao confisco tributário, caracterizado pela nova Cofins, nos obrigarão, muito provavelmente, a buscar o judiciário.

Há gente atenta para a necessidade do setor privado agir em uníssono, e, felizmente, algo de movimentação já vem engajando corações e mentes mais conscientes. Consultas e articulações estão sendo conduzidas para viabilizar joint ventures entre algumas das mais representativas associações ligadas às TICs no Brasil, inclusive no intuito de congregá-las em uma nova federação ou de reviver o inativo Conati – Conselho Nacional de Tecnologia da Informação. Nessa grande sopa de letras, ABES, Assespro, Abinee, Brisa, Abranet, Afrac, AMI, Sucesu, Abrarec, Abercortel, Abrafix, ABCD, Abdib, Abend, Fenainfo, ABAP, Abrasol, ABAS, ABA, BSA, Amcham, Aberimest, Abese, Abrat, ABTA, ABTM, Abuco, EAN, ITS, Abecs, Abert, ANUI e nossa Camara-e.net, assim como Fecomercio, Fiesp, Febraban, Associação Comercial e, de certa forma, Sebrae, são os principais players desse virtuoso processo de consolidação que estamos empenhados, será para o bem de todos e felicidade geral da sociedade da informação. Amigos, não podemos esperar mais. Se não unirmos nossas forças, seguramente vamos continuar não acertando o alvo, falhando quase que por pirraça em influenciar o presente e o futuro da economia digital no Brasil.

